



ANDRÉ DE CAMPOS SILVA

Este dossiê insere-se nas atividades do Grupo de Trabalho *Dimensões Sociais e Institucionais das Religiões do Mundo Antigo* do Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR). Este grupo¹ constituiu-se formalmente em 2012, muito por iniciativa do então diretor do CEHR, António Matos Ferreira, e, desde 2013, promoveu alguns encontros científicos. O primeiro foi dedicado ao tema “O Problema do Facto Religioso no Mundo Antigo”², o segundo ao tema “Religião e Trabalho no Mundo Antigo”³, e o terceiro a uma temática mais especializada: “Religião Egípcia: Crenças, Práticas, e Dinâmicas Sociais”⁴.

Dos dois primeiros encontros procurou-se obter artigos para compor um dossiê, tendo sido possível obter dois, com origem no segundo *workshop*, e que agora aqui se publicam. O tema desse encontro, e consequentemente deste dossiê, nasceu de um desafio colocado ao Grupo de Trabalho por Matos Ferreira, nomeadamente o de problematizar a inter-relação entre religião e trabalho no mundo antigo. De resto, este assunto foi por ele tratado em relação à modernidade⁵.

1 O leitor que tiver interesse em consultar a página institucional do grupo poderá fazê-lo através da navegação na página institucional do CEHR, ou através do endereço direto: http://icm.ft.lisboa.ucp.pt/site/custom/template/ucptpl_fac.asp?SSPAGEID=1002&lang=1&artigoID=567.

2 Cf. o programa, resumos, e gravações de algumas das comunicações em http://icm.ft.lisboa.ucp.pt/site/custom/template/ucptpl_fac.asp?SSPAGEID=1004&lang=1&artigoID=548.

3 Cf. o programa, resumos, e gravações de algumas das comunicações em http://icm.ft.lisboa.ucp.pt/site/custom/template/ucptpl_fac.asp?SSPAGEID=1004&lang=1&artigoID=745.

4 Cf. o programa e os resumos das comunicações em http://icm.ft.lisboa.ucp.pt/site/custom/template/ucptpl_fac.asp?SSPAGEID=1004&lang=1&artigoID=791.

5 Religião e trabalho: a mutação da realização humana. *Ecclesia*, edição especial 1447, setembro de 2014, 88-93.

A questão do trabalho tem sido estudada em relação ao mundo antigo⁶, e a abordagem da economia da religião⁷, ainda que essencialmente focada na contemporaneidade e sobretudo no contexto dos Estados Unidos, pode oferecer perspectivas úteis para o estudo da inter-relação entre religião e trabalho na Antiguidade. Esta inter-relação proporciona várias oportunidades de estudo e diversos desafios que são de interesse não só para as disciplinas que estudam as culturas da Antiguidade, mas também para debates mais alargados no âmbito de outras ciências sociais como a história e a antropologia.

Naturalmente as disciplinas que estudam as culturas antigas podem também beneficiar de comparações com a contemporaneidade. Por exemplo, na aldeia egípcia de Deir el-Medina, onde estavam alojados os trabalhadores que construía os túmulos de Tebas (= Luxor), uma das razões que justificava a falta ao trabalho era a celebração do culto em honra do deus pessoal⁸. Esta prática encontra um paralelo nos feriados religiosos que vários estados “ocidentais” contemporâneos asseguram, quer estes sejam usados pelos cidadãos para se dedicarem à observação das práticas religiosas ou não. De um ponto de vista económico, tanto no contexto antigo, como no contemporâneo há um custo financeiro aceite pelos estados que deriva da quebra de produtividade. De um ponto de vista sociológico, no entanto, as pausas no trabalho motivadas pela necessidade de observar práticas religiosas, ou mesmo pela evocação do horizonte religioso, proporcionam períodos de descanso, ou pelo menos de abandono da rotina laboral, e a possibilidade de os indivíduos se envolverem em atividades do seu interesse, desde o culto privado ao seu deus pessoal, para manterem uma relação sadia com ele, ao convívio com familiares, como sucede atualmente em vários países cristãos por ocasião do Natal.

Esta questão das implicações sociais das pausas no trabalho para permitir o desenvolvimento de atividades religiosas cruza-se com um dos desafios que se colocam ao estudo da inter-relação entre religião e trabalho ao longo da história, que é a mudança dos sistemas económicos e o seu impacto nas dinâmicas sociais e, por conseguinte, nas práticas religiosas⁹.

6 Veja-se, por exemplo, os artigos de David A. Warburton – Working. In *A Companion to the Ancient Near East*. Ed. Daniel C. Snell. Oxford: Blackwell, 2005, p. 169-182, e de Peter Fibiger Bang – Labor: Free and Unfree. In *A Companion to Ancient History*. Ed. Andrew Erskine. Chichester: Wiley-Blackwell, 2009, p. 447-461.

7 Sobre esta: Rachel M. McCleary – The Economics of Religion as a Field of Inquiry. In *The Oxford Handbook of the Economics of Religion*. Ed. Rachel M. McCleary. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 3-36.

8 Vide Maria Michela Luiselli – Personal Piety in Ancient Egypt. *Religion Compass*. 8/4 (2014), p. 109, and Joachim Friedrich Quack – *Die Lehren des Ani: ein neuägyptischer Weisheitstext in seinem kulturellen Umfeld*. Freiburg, Schweiz: Universitätsverlag; Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1994, p. 154.

9 Acerca da mudança da perceção do trabalho provocada pela economia de mercado veja-se brevemente António Matos Ferreira – Religião e trabalho..., p. 89-92. Tem sido notada a correlação entre pobreza e um aumento das práticas religiosas, e entre riqueza e uma diminuição do investimento nessas práticas; veja-se Rachel M. McCleary – The Economics of

Outro importante desafio que se coloca tem que ver com as definições de religião e de trabalho e com a possibilidade de os dois serem ou não distinguíveis. Sempre que se mobiliza a categoria de religião coloca-se, explícita ou implicitamente, a questão da definição de religião. O mesmo aplica-se à mobilização da categoria de trabalho, cujo conteúdo, embora possa parecer intuitivo, está muito dependente das especificidades culturais e dos sistemas económicos¹⁰. Se estes problemas metodológicos e epistemológicos se colocam para as sociedades atuais, colocam-se, geralmente, de uma forma mais agudizada para as sociedades antigas, na medida em que aquilo que se entendia por religião e por trabalho tem de ser analisado a partir das fontes disponíveis – sendo que apenas nos chegou uma fração do material produzido¹¹. Outro problema metodológico que se coloca ao estudo da inter-relação entre religião e trabalho nas sociedades antigas é o de aferir até que ponto estes dois aspetos das culturas antigas permaneciam distintos, ou, pelo contrário, se misturavam inextricavelmente. Uma resposta a esta questão terá provavelmente de admitir variações de cultura para cultura, e até mesmo de período para período, mas será sem dúvida útil ter em conta as considerações de vários antropólogos de que a religião não é sempre uma presença constante na vida dos indivíduos¹².

Este dossiê oferece reflexões acerca da inter-relação entre trabalho e religião em duas sociedades culturalmente próximas, Mari e Israel. No primeiro artigo, Maria de Fátima Rosa começa por abordar a construção do trabalho enquanto atividade penosa que coube primeiro a deuses e posteriormente aos humanos, que foram criados para substituir os deuses e trabalhar em vez deles. De seguida a autora discute o papel do rei não só enquanto trabalhador, mas também enquanto garante da realização do trabalho pelos seres humanos para suportar e sustentar o mundo divino.

No segundo artigo Maria Fernandes começa por contextualizar os sistemas económicos e a organização do trabalho em Israel. Foca-se, de seguida, nas prescrições religiosas que incidiam sobre o trabalho no que poderá ser descrito como uma autêntica ritualização do quotidiano. Por fim, enceta uma discussão

Religion..., p. 8 com referências. Se em vários casos há uma relação de causalidade, podemos questionar a universalidade dessa relação, tanto no espaço como no tempo. Em particular, os casos daqueles que, como Francisco de Assis, sendo abastados se despojam dos seus bens para se dedicarem à religião e à espiritualidade, indicam que há exceções pelo menos ao nível individual.

10 Veja-se, por exemplo, Sutti Ortiz – Work, the Division of Labour and Co-operation. In *Companion Encyclopedia of Anthropology*. Ed. Tim Ingold. Nova Iorque: Routledge, 1994, p. 891-908.

11 Como diz Peter Fibiger Bang – Labor: Free and Unfree..., p. 448, a propósito da Antiguidade grega e romana, “the world of ancient labor is only vaguely known to us.”

12 Veja-se Lionel Obadia – *Antropologia das Religiões*. Trad. por Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2011, p. 41 com referências, e Brian Morris – *Religion and Anthropology: A Critical Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 11.

linguística dos termos pertencentes ao campo semântico do trabalho e demonstra como estes ilustram uma relação próxima entre trabalho e religião.

Espera-se assim que, com estas incursões, a revista *Lusitania Sacra* possa contribuir para o debate não só nas respetivas áreas de especialidade, mas também e essencialmente na história religiosa.